

**4ª PARTE**

---

# **Prosa de Ficção**

## A fala dos cães

O cervo conseguiu escapar à fúria de seus perseguidores e meteu-se na selva. Acteão talvez tivesse tido pena dele. Chamara de volta seus terríveis cães. Descansassem um pouco. Havia tempo de sobra. O dia mal começava.

O caçador avistara uns corpos nus à beira do rio. E tratou de impor silêncio. Nada de gritos nem latidos nem gemidos.

Agachado atrás de moitas, pôs-se a espiar as banhistas. Todas muito belas, cheias de curvas, dengosas. Sim, Diana e suas ninfas, em total nudez.

Os cães farejavam o chão, imunes a qualquer volúpia. Que o caçador satisfizesse seus mais caros desejos.

Acteão só via os corpos nus em contorções sensuais. Seus olhos pareciam poucos e pequenos para tanta beleza. Nada existia além daquele pedaço de rio. Nem cervos nem cães. E muito menos serpentes.

Havia, porém, uma serpente à sua volta. E escorregava pelo chão, maliciosa.

Um cão ladrou e correu para o réptil. Irritado, Acteão apanhou uma pedra e, de olho no rio, quis calar o animal. No entanto, a rocha atingiu a cobra, que fugiu.

Diana e as ninfas apenas se banhavam, como se no mundo não existissem caçadores, cães e serpentes. E parlavam, riam e se faziam mais belas.

Havia, porém, outra serpente a dois passos de Acteão. E outro cão ladrou.

Furioso, o caçador de cervos atirou outra pedra contra o latido inoportuno. E, como da vez anterior, houve erro de pontaria.

No rio, as águas banhavam ainda as formosas fêmeas. E o lascivo Acteão gemia de prazer.

---

<sup>13</sup> Contista, ensaísta e poeta.

A terceira serpente apareceu. Terceiro latido, terceira pedrada.

A mesma cena repetiu-se pela quinta, sexta ou sétima vez. E os cães perderam a paciência. Aquele maldito Acteão ia terminar picado e morto. E adeus cervos.

Um dos cães propôs deixarem o caçador à mercê das cobras. Não, não podiam trair o amo. Apesar das pedradas que haviam recebido.

Outro sugeriu o mais difícil: falariam a Acteão da existência de serpentes naquele local. Falariam, em vez de latir.

Não, os deuses jamais dariam voz humana aos cães.

E se pedissem ajuda a Diana?

Acteão ouviu os sussurros caninos. Aqueles malditos cães só serviam para estragar prazeres.

E atirou-lhes mais pedras.

Nota: Naquele mesmo dia (ou noutro), Diana surpreendeu Acteão detrás das moitas e o transformou em cervo. Ato contínuo, os cães o devoraram.

## Ilusões de gato e rato

No meio da tarde, um gato deu por concluído o banho e a espulgação. Julgava-se limpo e livre de pulgas. E se pôs a espreguiçar, abriu a boca e fechar os olhinhos verdes. Sentia muito sono.

Estirou-se debaixo de uma cadeira e se entregou à leveza do nada. Havia bebido leite, água? Que iguaria almoçara? A gata vizinha gostava de amar no telhado ou no quintal? E os ratos, aqueles larápios noturnos?

Num piscar de olhos, já dormia, já sonhava. Esquisito sonho. Era um ratinho cinzento e esperto. Vasculhava a cozinha à cata de um naco de queijo que lhe quebrasse o longo jejum. Andava por armários, prateleiras, latas, caixas. Súbito, descobria o queijo de seus sonhos. Redondo, branco, enorme.

Nem queria acreditar naquilo. Talvez sonhasse. Ou se tratasse de armadilha. Os homens não perdiam o hábito da crueldade e da perfídia. Refinadas feras!

Aproximou-se do queijo, um olho na porta, outro na vida. Cheirou, a boca se encheu de água, encostou o focinho na casca. Deu mais uma volta pelo ambiente, olhos e ouvidos abertos. Não, ninguém para estragar sua festa.

E deu a primeira lambiscada.

Até fechou os olhos para melhor sentir a delícia que invadia sua boca, seu corpo inteiro.

De repente, um calafrio percorreu-lhe a espinha. Virou-se, e eis diante de si um enorme e belo gato.

Tudo então se tornou feio para ele. Vida de rato - desgraça pura. Escondido nos buracos, perseguido dia e noite. Um inferno!

Corria, e o felino no seu rasto. Metia-se atrás dos móveis, e a pata asquerosa o cutucava.

Amedrontado, vendo a morte a um palmo de seu focinho, o ratinho decidiu arriscar, buscar o derradeiro abrigo - estreita greta na parede. E correu. O felino deu um salto, escorregou, miou.

Coração aos pulos, o pobre rato conseguiu alcançar a fenda salvadora. Não, não seria aquele seu último dia. Muitos queijos roeria ainda. Muitas emoções sentiria ainda.

Nervoso, enfiou a cabeça no buraco, forçou a passagem. Porém, o devorador de ratos já abocanhava seu traseiro. Mordia, arrastava-o para o suplício.

Preso aos dentes do monstro, o roedor apenas chiava. Só lhe restava esperar a morte. Nem Deus o salvaria das garras daquele demônio. Nem milagre. Talvez muita sorte. Sim, os gatos costumam praticar um ritual macabro, antes de matar e devorar suas presas. Fingem dar fim à tortura, concedendo-lhes um minuto de liberdade. A vítima tenta escapar, iludida, e recebe mais violenta mordida. É sempre assim. E quem não sabe disso?

Se tivesse sorte, aproveitaria da melhor maneira a oportunidade de fugir. Não buscaria mais a greta estreita. Esconder-se-ia debaixo da geladeira, dentro do fogão, detrás do armário. De tanto esperar, o torturador desistiria da perseguição. Cansado, dormiria, o preguiçoso.

Não havia concluído ainda seu raciocínio, e eis que o gato o libertou dos dentes, largando-o ao chão. Correr logo seria loucura. Melhor aguardar um cochilo da fera. Quando fechasse os olhos, coçasse a barriga, virasse a cabeça para alguma barata idiota.

O felino lambia os beiços, os olhos enormes fitos no rato encolhido, pensativo.

Aquele maldito não cochilava, não fechava os olhos, não coçava a barriga. Nem aparecia uma barata, uma aranha, um inseto qualquer.

E se se transformasse em gato? Por que não? Melhor ainda se aquele patife se transformasse em rato. Então a história seria outra.

Na sua ilusão, o ratinho perdeu o acanhamento, cresceu, levantou-se do chão e pôs-se a miar. Aquele animalzinho metido a valente precisava levar uma boa lição.

E partiu para o gato.

Ocorreu então a cena mais trágica da história: o felino desferiu uma tapa tão espetacular que o mísero rato rodopiou feito um pião e

estatelou-se no chão. Não satisfeito, de um salto, o malvado caiu sobre a inerte vítima e cravou-lhe os dentes.

- Deixa-te de ilusões, rato.

Debaixo da cadeira, o gato deu um pavoroso miado. E pôs-se a lamber as doídas ancas.

Já era noite.

## Casa mal-assombrada

Veza por outra, Hulda desaparecia dentro de casa. Parecia fantasma. Eu a chamava, ela nada respondia. Vasculhava todos os cômodos e não a encontrava. E a casa era pequena. Sala, três quartos, dois banheiros, cozinha e quintal.

Hulda desaparecia como por encanto. Às vezes, estávamos na sala, eu lendo jornal ou livro, ela polindo unhas. Eu comentava notícia ou capítulo. Ministro demissionário, homem perdido em casa mal-assombrada. Ela se aborrecia. Pouco lhe importava o destino da república. Menos ainda o fim dos livros. E deixava de lado as unhas e a sala. Eu a chamava, ela nada respondia. Largava o jornal ou o livro e ia ao banheiro. Não estava. Corria ao quarto do casal, ansioso, sôfrego, impaciente. Ninguém deitado na cama. Nenhuma mulher dormida, a sonhar.

E o ministro? Talvez já estivesse demitido. E o homem, coitado, morto de medo, perseguido por assombrações na casa velha! Hulda que se cuidasse. Ela não valia a república. Nem uma casa de fantasmas. E eu lia e relia o jornal ou o livro. E queria comentar notícia ou capítulo. Chamava Hulda, ela não respondia. Largava então o jornal ou o livro e ia ao quarto dos nossos filhos. Não, não sabiam da mãe. Devia estar na cozinha. Eu corria para lá. A cozinheira resmungava besteiras. Importava-lhe apenas o destino do frango. O ministro, o homem assombrado, a patroa, fossem todos para o inferno.

Eu voltava ao sofá, reabria o livro ou o jornal. Não entendia mais nada. Ou o mundo enlouquecera, ou jornalistas, escritores e tipógrafos brincavam comigo. Um ministro assombrado, um homem demissionário. Eu ria, gargalhava. Hulda precisava ouvir aquelas barbaridades. Talvez ela estivesse no quarto da cozinheira. Ou no banheiro. Não, ela não se aviltaria tanto.

Restava o quintal. Sim, colhendo flores, aguando plantas, catando frutas. Quem sabe, dando comida ao cachorro. Atirando pedras às lagartixas. Estendendo roupas no varal. Simplesmente aspirando ar puro.

Durante a noite, o mesmo tormento. Eu acordava sobressaltado e queria conversar. Generais davam golpes, fantasmas debaixo da cama. E Hulda, por onde andava? Passava a mão, e só encontrava travesseiro, lençol, vazio.

Ia ao banheiro e me assustava. Um homem assombrado à minha frente. Era o espelho. Corria à sala. O jornal espalhado pelo chão, o livro aberto sobre o sofá. As crianças dormiam em paz. A cozinheira estendida no catre, desarrumada. O cachorro latia, o vento abanava as roupas estendidas no arame, a lua clareava tudo.

Esse tormento durou dias e noites. Anos e anos.

Ainda bem que tudo acabou. Não leio mais jornais nem livros. Pode cair a república, pode o homem morrer de medo na casa mal-assombrada. Agora sou um homem sossegado. Quanto a Hulda, se desapareceu definitivamente, não sei. Se virou fantasma ou se morreu, pouco me importa. Esta casa é que não deixa.